



DPE-SP

DEFENSORIA PÚBLICA DE SÃO PAULO

**GABARITANDO
450 Questões Gabaritadas**

ANALISTA DE DEFENSORIA PÚBLICA

**CÓD: OP-124JN-25
7908403569618**

Questões Gabaritadas:

1. Língua Portuguesa	5
2. Direito Constitucional	29
3. Direito Administrativo.....	39
4. Direito Tributário.....	51
5. Direitos Humanos	61
6. Direito Da Criança E Do Adolescente	71
7. Direito Penal	83
8. Legislação Penal Especial	91
9. Direito Processual Penal	101
10. Direito Civil e Empresarial.....	109
11. Legislação - Direito Civil e Empresarial	117
12. Direito Processual Civil.....	125
13. Princípios E Atribuições Institucionais Da Defensoria Pública Do Estado	135

LÍNGUA PORTUGUESA

1. FCC - 2022

Atenção: Para responder à questão, baseie-se no texto abaixo.

*O rio de minha terra é um deus estranho.
Ele tem braços, dentes, corpo, coração,
muitas vezes homicida,
foi ele quem levou o meu irmão.*

É muito calmo o rio de minha terra.

*Suas águas são feitas de argila e de mistérios.
Nas solidões das noites enluaradas
a maldição de Crispim desce
sobre as águas encrespadas.*

O rio de minha terra é um deus estranho.

*Um dia ele deixou o monótono caminhar de corpo mole
para subir as poucas rampas do seu cais.
Foi conhecendo o movimento da cidade,
a pobreza residente nas taperas marginais.*

*Pois tão irado e tão potente fez-se o rio
que todo um povo se juntou para enfrentá-lo.
Mas ele prosseguiu indiferente,
carregando no seu dorso bois e gente,
até roçados de arroz e de feijão.*

*Na sua obstinada e galopante caminhada,
destruiu paredes, casas, barricadas,
deixando no percurso mágoa e dor.*

*Depois subiu os degraus da igreja santa
e postou-se horas sob os pés do Criador.*

*E desceu devagarinho, até deitar-se
novamente no seu leito.*

*Mas toda noite o seu olhar de rio
fica boiando sob as luzes da cidade.*

(Adaptado de: MORAES, Herculano. *O rio da minha terra*. Disponível em: <https://www.escritas.org>)

Considerado no contexto do poema, o prefixo “en-”, constituinte de “enluaradas” e “encrespadas”, apresenta, respectivamente, efeito semântico semelhante nas palavras:

- (A) enterradas e enraizadas.
- (B) ensacadas e engarrafadas.
- (C) enfeitçadas e enroladas.
- (D) enlatadas e ensimesmadas.
- (E) encaixadas e enchidas.

2. FCC - 2022

Para responder à questão, leia o texto abaixo.

Meu caro,

Não pense que me esqueci das minhas obrigações, muito me aflige estar em dívida com você. Fiquei de lhe entregar os originais até o fim de 2015, e lá se vão três anos. Como deve ser do seu conhecimento, passei ultimamente por diversas atribuições: separação, mudança, seguro-fiança para o novo apartamento, despesas com advogados, prostatite aguda, o diabo. Não bastassem os perrengues pessoais, ficou difícil me dedicar a devaneios literários sem ser afetado pelos acontecimentos recentes no nosso país. Já gastei o adiantado que você generosamente me concedeu, e ainda me falta paz de espírito para alinhar os escritos em que tenho trabalhado sem trégua. Sei que é impróprio incomodá-lo num momento em que a crise econômica parece não ter arrefecido conforme se esperava. Estou ciente das severas condições do mercado editorial, mas se o amigo puder me adiantar mais uma parcela dos meus royalties, tratarei de me isolar por uns meses nas montanhas, a fim de o regalar com um romance que haverá de lhe dar grandes alegrias.

Um forte abraço.

(Adaptado de: BUARQUE, Chico. *Essa gente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, edição digital)

Derivação imprópria é um processo em que uma palavra muda de classe gramatical sem mudar de forma. Assim, observa-se esse processo no seguinte trecho:

- (A) Estou ciente das severas condições do mercado editorial
- (B) Não pense que me esqueci das minhas obrigações

(C) *Fiquei de lhe entregar os originais até o fim de 2015*

(D) *Já gastei o adiantado que você generosamente me concedeu*

(E) *tratarei de me isolar por uns meses nas montanhas,*

3. FCC - 2023

Atenção: Para responder às questões, baseie-se no texto abaixo.

Relógios

O dramaturgo Nelson Rodrigues - criatura de temperamento trágico e célebre autor de frases antológicas - terá dito um dia, talvez paternalmente: "Jovens, envelheçam" Eis aqui um pedido desnecessário: a velhice virá, de qualquer modo, para quem conseguir envelhecer. Por outro lado, a juventude nunca se perde de todo: aposenta-se fica guardadinha vocação nostálgica do copo e ainda ajudará, ao fim de tudo, a compor os traços da boa melancolia. das lembranças que Os seres crepusculares ainda consigam tonificar dentro de si.

Não fossem os variados impulsos do tempo, com o que iríamos nos distraíndo? Todos passamos por várias idades, por vários tipos de relógio. Há os que adiantam as coisas. há os que as atrasam. E há os que param inteiramente fora de hora. Sem falar nos relógios exibidos que se acham especialmente importantes e Insistem em cantar a cada quarto de hora.

Jovens, envelheçam" — eis a provocação desmediada que partiu de um senhor já vivido e definitivamente cético. As paixões juvenis têm pressa, meu caro Nelson Rodrigues. e exigem providências imediatas. Ninguém segura as ondas de um mar revolto.

E se fôssemos falar do tempo da infância, quando nossa imaginação esta no grau natural de nossas primeiras reflexões interrogativas? Eis aí um relógio que fica fazendo tique-taque, sem querer parar, em algum canto de alguma casa perdida.

Numa cena da minha mais antiga memória de menino, eu estava sentado na sarjeta, depois de uma chuva grossa, em frente de casa, com os pés na água da enxurrada que sequestrava meus olhos fixos, fazendo -me esquecer de mim mesmo e e da necessidade de voltar a algum lugar, enquanto olhava infinitamente para os rebrilhos daquele riachinho escorregando rua abaixo. Creio que foi esta a primeira vez que entrei num tempo especial um tampo esvaziado de tempo. Uma espécie de relógio sem ponteiros. Muito tempo depois, acabei envelhecendo, sim. seu Nelson Rodrigues.

(MEDEIROS, Alcindo Fortunato. Casos de almanaque, a editar

Os tempos e modos das formas verbais encontram-se adequadamente articulados na frase:

(A) Se na infância o tempo surgisse em toda a sua gravidade, que memórias poéticas nos assaltarão?

(B) Coubesse a cada um escolher um relógio seu para visitar, imagine-se quantas hesitações haverá.

(C) Nelson Rodrigues teria dito aos jovens que o ouvissem para que envelheçam e amadurecessem logo.

(D) Caso os jovens viessem a envelhecer logo, a nostalgia da mocidade só fará crescer ao fim da vida.

(E) Fosse possível acelerar o envelhecimento, quantos jovens a esse processo haveriam de recorrer?

4. FCC - 2022

Para responder a questão, considere o texto abaixo.

Minha primeira tentativa de ler Dom Quixote de la Mancha, de Miguel de Cervantes, foi um fracasso. Eu ainda estava na escola e me confundia com as frases longas e as palavras antigas. Acabei desistindo.

Anos depois, li do começo ao fim, desfrutando cada página da história daquela dupla inusitada: o cavaleiro idealista determinado a transformar a realidade para que se assemelhe à de seus livros e seus sonhos; e o escudeiro pragmático que tenta manter seu mestre na dura realidade para que ele não se perca nas nuvens da fantasia.

Tudo é deslumbrante nesse livro, que simboliza melhor do que qualquer outro a infinita variedade da língua espanhola para expressar a condição humana com todas as nuances, a fantasia que leva o ser humano a transformar a vida. Em outras palavras, a forma como a literatura nos defende da frustração, do fracasso e da mediocridade.

O mundo estreito e provinciano de La Mancha, pelo qual Dom Quixote e Sancho fazem sua peregrinação, pouco a pouco se torna, graças à coragem do determinado cavaleiro andante, um universo de aventuras insólitas, em que se entrelaçam audácia, absurdo e humor, para nos mostrar como a imaginação pode transformar o tédio em aventura e converter o cotidiano em uma peripécia inusitada em que se alternam o maravilhoso, o milagroso, o patético — todos os matizes de que se faz a vida.

Em livro recente, o crítico Santiago Muñoz Machado analisa as biografias mais importantes do escritor Miguel de Cervantes para saber em que sociedade surgiu Dom Quixote. O leitor da obra de Muñoz Machado encontrará tudo: o aparato jurídico que reinava na Espa-

nha enquanto Cervantes escrevia as aventuras de Dom Quixote, as festas populares, a propagação da feitiçaria, os crimes da Inquisição, a vida elevada dos artistas, a mentalidade militar à sombra da Coroa.

Cervantes era um homem simples e miserável, aparentemente desde muito jovem. No começo da vida, um crime o leva para a Itália. Como todos os humildes, ele se torna soldado. E guerreia em Lepanto contra os turcos, quando não deveria, por causa de condição de que sofria. E, então, devido a raptos berberiscos, ele passou cinco anos em Argel, onde deve ter sofrido o indescritível, sobretudo depois de suas tentativas de fuga. Padres trinitarianos o salvaram, pagando seu resgate. Na Espanha, tentou ir para a América, mas o Estado sequer respondeu às suas cartas. Ou seja, com ele tudo acontecia de maneira tal que ele poderia muito bem se torna ressentido. E, no entanto, a generosidade e a humildade de Cervantes estão mais do que garantidas. Era um homem sem remorso, preocupado em elevar a vida de seus concidadãos. Um homem bom e idealista.

Quando li Dom Quixote, já havia muito tempo que lia romances de cavalaria, nos quais o formalismo tentava frear os excessos da época. Sob a ferocidade das batalhas surgiu um mundo de paz e ordem, segundo um plano rígido destinado a acabar com a espontaneidade que mostrava o mundo como ele é: pútrido e irremediável. Será que, depois de tanto sofrer na vida, Cervantes também não tivesse buscado a mesma coisa?

(Adaptado de: LLOSA, Mario Vargas. Disponível em: www.cultura.estadao.com.br. Acessado em: 05.05.2022)

me confundia com as frases longas e as palavras antigas.

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo do da frase acima está em:

- (A) para que ele não se perca nas nuvens da fantasia.
- (B) Era um homem sem remorso.
- (C) um universo de aventuras insólitas, em que se entrelaçam audácia, absurdo e humor.
- (D) O leitor da obra de Muñoz Machado encontrará tudo.
- (E) ele poderia muito bem se tornar ressentido.

5. FCC - 2024

Essa crônica é uma despedida. Resolvi, por decisão própria, parar de escrever em Cotidiano [caderno do jornal FSP].

Devo ter perdido o juízo. Minha decisão contrária um dos dois maiores sonhos de cada escritor. Primeiro, o sonho de ser um best-seller. Confesso: sou vítima dessa

vaidade. O outro sonho dos escritores é ter seus textos publicados num jornal importante. O que significa reconhecimento duplo: do jornal que os publica e dos leitores. Todo escritor tem uma pitada de narcisismo.

Fernando Pessoa tem um poema que diz assim: “tenho dó das estrelas luzindo há tanto tempo, tenho dó delas...” e Ele se pergunta se “ não haverá um cansaço das coisas, de todas as coisas...” Respondo: sim. Há um cansaço. A velhice é o tempo do cansaço de todas as coisas. Estou velho. Estou cansado. Já escrevi muito. Mas agora, meus 78 anos estão pesando. E, como acontece com as estrelas, há sempre a obrigação de brilhar. A obrigação: é isso o que pesa. Perco o sono atormentado por deveres, pensando no que tenho de escrever. Sinto - pode ser que não seja assim, mas é assim que eu sinto - que já disse tudo. Não tenho novidades a escrever. Mas tenho a obrigação de escrever quando minha vontade é não escrever.

O tempo dos jornais é o hoje, as presenças. Mas minha alma é movida pelas ausências: nos jornais, não há lugar para ressurreições.

(Adaptado de: ALVES, Rubem. “Despedida”. Disponível em: www1.folha.uol.com.br. Acesso em: 01/02/2024)

A obrigação: é isso o que pesa. Perco o sono atormentado por deveres, pensando no que tenho de escrever.

Mantendo a correlação verbal e as relações de sentido originais, uma redação alternativa para o trecho acima, em outro tempo verbal, está em:

- (A) A obrigação: havia de ser isso o que pesava. perderei o sono atormentado por deveres pensando no que tivera de escrever.
- (B) A obrigação: fora isso o que pesava. perdi o sono atormentado por deveres, pensando no que terei de escrever.
- (C) A obrigação: era isso o que pesou. Perdera o sono atormentado por deveres. pensando no que tive de escrever.
- (D) A obrigação: tinha sido isso o que pesava. Perdeu o sono atormentado por deveres. pensando no que terei de escrever.
- (E) A obrigação: foi isso o que pesou. Perdi o sono atormentado por deveres, pensando no que tinha de escrever.

6. FCC - 2024**Texto****Sobre a igualdade**

Nas últimas décadas foi dito às pessoas em todo o mundo que o gênero humano está no caminho da igualdade, e que a globalização e as novas tecnologias nos ajudarão a chegar lá mais cedo. Na verdade, o século XXI poderia criar a sociedade mais desigual na história. Embora a globalização e a internet representem pontes sobre as lacunas que existem entre os países, elas ameaçam aumentar a brecha entre as classes, e, bem quando o gênero humano parece prestes a alcançar a unificação global, a espécie em si mesma pode se dividir em diferentes castas biológicas.

A desigualdade remonta à Idade da Pedra. Não obstante as diferenças que havia entre eles, os antigos grupos de caçadores e coletores ainda eram mais igualitários do que qualquer sociedade humana subsequente, porque tinham poucas propriedades. A propriedade é um pré-requisito para uma desigualdade a longo prazo.

Depois da revolução agrícola, a propriedade multiplicou-se, e com ela a desigualdade. Quando humanos obtiveram propriedade de terra, animais, plantas e ferramentas surgiram rígidas sociedades hierárquicas, nas quais pequenas elites monopolizavam a maior parte da riqueza e do poder, geração após geração. Os humanos aceitaram esse arranjo como sendo natural e até mesmo proveniente da ordem divina. A hierarquia não era apenas a norma, mas também o ideal. Como poderia haver ordem sem uma hierarquia clara entre aristocratas e pessoas comuns, entre homens e mulheres, entre país e filhos? Sacerdotes, filósofos e poetas em todo mundo explicavam pacientemente que, assim como no corpo humano seus membros não são iguais – Os pés têm de obedecer à cabeça – também na sociedade humana a igualdade só traz o caos.

Na modernidade tardia, no entanto, a igualdade tornou-se um ideal em quase todas as sociedades humanas. A história do século XX girou em grande medida em torno da redução da desigualdade entre classes, raças e gêneros. Esperava-se que a globalização disseminasse a prosperidade econômica pelo mundo. Uma geração inteira cresceu sob essa promessa. Agora parece que a promessa talvez não seja cumprida.

(Adaptado de: HARARI, Yuval Noah. 21 lições para o século 21. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 102-103)

A supressão da vírgula alterará o sentido da seguinte frase:

- (A) O autor discorreu sobre a igualdade, a que aspiram as camadas mais injustiçadas.
- (B) Certamente por excessiva ganância, os mais afortunados investem na desigualdade.
- (C) Desde há muito tempo, verifica-se uma potenciação da desigualdade entre os homens.
- (D) No que tange à busca da igualdade entre nós, ainda há muito o que caminhar.
- (E) Nada nos parece injusto, se não sentimos em nós mesmos a dor da injustiça.

7. FCC - 2023

Leia o texto “Liberdade e necessidade ao revés”, de Eduardo Giannetti.

“Por meios honestos se você conseguir, mas por quaisquer meios faça dinheiro”, preconiza – prenhe de sarcasmo – o verso de Horácio. Desespero, precisão ou cobiça dentro ou fora da lei: o dinheiro nos incita a fazer o que de outro modo não faríamos. Suponha, entretanto, um súbito e imprevisto bafejo da fortuna – um prêmio

lotérico, uma indenização milionária, uma inesperada herança. Quem continuaria a fazer o que faz para ganhar a vida caso não fosse mais necessário fazê-lo? Estamos acostumados a considerar o trabalho como algo a que nos sujeitamos, mais ou menos a contragosto, para obter uma renda – como um sacrifício ou necessidade imposta de fora; ao passo que o consumo é tomado como a esfera por excelência da livre escolha: o território sagrado para o exercício da nossa liberdade individual. A possibilidade de satisfazer, ainda que parcialmente, nossos desejos e fantasias de consumo se afigura como a merecida recompensa – ou suborno, diriam outros – capaz de atenuar a frustração e aliviar o aborrecimento de ocupações que de outro modo não teríamos e não nos dizem respeito.

Daí que, na feliz expressão do jovem Marx, “o trabalhador só se sente ele mesmo quando não está trabalhando; quando ele está trabalhando, ele não se sente ele mesmo”. – Mas, se o mundo do trabalho está vedado às minhas escolhas e modo de ser; onde poderei expressar a minha individualidade? Impedido de ser quem sou no trabalho – escritório, chão de fábrica, call center, guichê, balcão –, extravaso a minha identidade no consumo – shopping, butique, salão, restaurante, showroom. Fonte de elã vital, o ritual da compra energiza e a posse ilumina a alma do consumidor. A compra de bens externos molda a identidade e acena com a promessa de dis-

tinção ser notado, ser ouvido, ser tratado com simpatia, respeito e admiração pelos demais. Não o que faço, mas o que possuo – e, sobretudo, o que sonho algum dia ter – diz ao mundo quem sou. Servo impessoal no ganho, livre e soberano no gosto.

(Adaptado de: GIANNETTI, Eduardo. *Trópicos utópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016)

Verifica-se o emprego de vírgula para separar elementos de uma enumeração em:

- (A) Não o que faço, mas o que possuo – e, sobretudo, o que sonho algum dia ter – diz ao mundo quem sou (2º parágrafo).
- (B) “Por meios honestos se você conseguir, mas por quaisquer meios faça dinheiro”, preconiza – prenhe de sarcasmo – o verso de Horácio (1º parágrafo).
- (C) A possibilidade de satisfazer, ainda que parcialmente, nossos desejos e fantasias de consumo se afigura como a merecida recompensa – ou suborno, diriam outros (1º parágrafo).
- (D) Daí que, na feliz expressão do jovem Marx, “o trabalhador só se sente ele mesmo quando não está trabalhando; quando ele está trabalhando, ele não se sente ele mesmo” (2º parágrafo).
- (E) Impedido de ser quem sou no trabalho – escritório, chão de fábrica, call center, guichê, balcão (2º parágrafo).

8. FCC - 2024

Para responder a questão, baseie-se no texto abaixo.

[Laços de sangue na literatura]

Laços de sangue não garantem parentesco espiritual, é sabido; irmãos podem ser e frequentemente são tão diferentes entre si quanto são de completos estranhos, ainda que a ascendência comum e a convivência na infância e juventude determinem relações de grande afeto.

*Por outro lado, é fascinante que se possa conhecer na literatura criaturas tão parecidas com a gente mesma. Minha primeira experiência desse tipo deu-se quando conheci Paulo Honório, o coronel assassino, protagonista e narrador do romance **São Bernardo**, de Graciliano Ramos. Identifiquei-me de pronto com essa criatura e desenvolvi por ela o que por mim mesma era uma mistura de repulsa e forte autocomiseração. Mais tarde, quando li **Infância e Memórias do Cárcere**, textos autobiográficos do mesmo autor, concluí que eu e Paulo Honório tínhamos um terceiro irmão bastante afinado: o criador mesmo, Graciliano.*

*Mas das minhas experiências de conhecer irmãos pela literatura, nada se comparou até agora à que tive quando li, muito recentemente, **As pequenas virtudes** da escritora italiana Natália Ginzburg (1916-1991). Deu-me vontade de sair mostrando às pessoas na rua: “olha só, podia ser minha avó, viveu e morreu do outro lado do mundo, mas é minha irmã, verdadeiramente minha irmã, e de algum ponto do universo segue falando comigo”.*

(Adaptado de: LOPES, Ayde Veiga. Disponível em: <https://ninhodealveloas.blogspot.com/search/label/cidadela>)

É adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

- (A) A escritora Natália Ginzburg escreveu um livro cuja a força impressionou demais a uma cronista que a opinião dela manifestou num texto.
- (B) As amigadas a que nos dedicamos com intensidade podem ser superiores aos afetos provenientes dos laços de sangue.
- (C) Há personagens literárias de cujo fascínio nos prendem mais do que os laços que mantemos aos nossos familiares.
- (D) Graciliano Ramos vale-se de narradores de que o caráter corrompido não impede que os dediquemos alguma simpatia.
- (E) Os textos autobiográficos onde sua construção esse autor tanto se esmerou renderam-lhe todo o reconhecimento do qual fez jus.

9. FCC - 2022

Atenção: Para responder à questão, baseie-se no texto abaixo.

Ponderação, a mais desmoralizada das virtudes

Precisamos reabilitar a ponderação, nem que seja apenas como subproduto da perplexidade, aquilo que faz o marinheiro levar o barco devagar sempre que o nevoeiro é denso. Como ocorre em nosso tempo.

O fogo selvagem que inflamou ao longo da história as turbas linchadoras do “diferente” que é visto como ameaça – corporificado em bruxas, negros, judeus homossexuais, loucos, ciganos, gagos – é hoje condenado por (quase) todo mundo.

No entanto, o mesmo fogo selvagem inflama as turbas linchadoras que se julgam investidas do direito sagrado de vingar bruxas, negros, judeus, homossexuais, loucos ciganos, gagos etc. Quem acha que o primeiro fogo é ruim e o segundo é bom não entendeu nada.

Representa um inegável avanço civilizatório a exposição, nas redes sociais, de comportamentos opressivos ancestrais que sempre estiveram naturalizados em for-

ma de assédio, desrespeito, piadinhas torpes e preconceitos variados. Ao mesmo tempo, é um claro retrocesso que o avanço se dê à custa da supressão do direito de defesa e do infinito potencial de injustiça contido no poder supremo de um juiz sem rosto.

(Sérgio Rodrigues, Folha de S. Paulo, 16/11/2017)

As normas que regem a concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

- (A) Deve sobressair entre as reações nossas diante da confusão dos valores modernos o esforço para mantermos uma ponderação mais serena.
- (B) A violência das turbas preconceituosas e linchadoras devem ser combatidas por todos aqueles que se engajam no aperfeiçoamento da civilização.
- (C) Costuma corresponder ao mesmo fogo selvagem dos primitivos violentos os atos insanos que nossos contemporâneos cometem contra tudo o que julgamos “diferente”.
- (D) Constituem um dos inegáveis avanços civilizatórios a exposição pública dos preconceitos que corroem a vida em sociedade das chamadas “minorias”.
- (E) Devem-se à supressão de alguns direitos básicos, como o da defesa, a injustiça que costuma marcar o julgamento das pessoas mais vulneráveis.

10. FCC - 2021

Atenção: Para responder à questão considere o texto abaixo.

Amélia, 80, interrompe sonho de ter vaga na universidade para comprar geladeira. Amélia Pires fará 80 anos em 6 de dezembro um pouco mais distante de seu sonho. Há anos faz o exame vestibular para o curso de administração.

Mas este ano teve de desistir^a. A geladeira estava imprestável, e o dinheiro da inscrição – ajuda de um sobrinho – foi usado para pagar a prestação de uma nova. (Cotidiano, 24 de novembro de 2008)

Não foi uma decisão fácil, como se pode imaginar. Curso de administração ou geladeira? A favor de ambas as coisas, o curso e a geladeira, havia argumentos.^b

O curso era algo com que sonhava havia muito tempo, desde jovem, para dizer a verdade. Primeiro, porque era uma fervorosa admiradora da atividade em si, da administração. Organizar as coisas, fazer com que funcionem, levar uma empresa ao sucesso, mesmo em épocas de crise, sobretudo em épocas de crise, parecia-lhe um objetivo verdadeiramente arrebatador. Com o curso, ela poderia tornar-se, mesmo com idade avançada, numa daquelas dinâmicas executivas cuja foto via em jornais e em revistas.

Mas a geladeira... A verdade é que ela precisava de uma geladeira nova. A antiga estava estragada, e tão estragada que o homem do conserto a aconselhara a esquecer “aquele traste” e partir para algo mais moderno. E isso precisava ser feito com urgência: todos os dias estava jogando fora comida que estragara por causa do inconfiável eletrodoméstico.

Era o curso ou a geladeira. Era apostar no futuro ou resolver os problemas do presente. Ou se inscrevia na universidade ou pagava a prestação na loja: tinha de escolher Dilema penoso. Durante duas noites não dormiu, fazendo a si própria cálculos e ponderações. “Faça o curso”, sussurrava-lhe ao ouvido uma vizinha, “você será outra pessoa, uma pessoa com conhecimento, com dignidade, uma pessoa que todos respeitarão”. E aí intervinha outra vizinha^d: “Deixe de bobagens, querida. Geladeira é comida, e comida é o que importa. Como é que você vai se alimentar se a comida continuar estragando desse jeito? Seja prática.” Duas vizinhas. Anjinho e diabinho? Nesse caso, qual era a voz do anjinho, qual a do diabinho? Mistério.

Na manhã do terceiro dia sentiu um mau cheiro insuportável, vindo da cozinha. Foi até lá, abriu a geladeira e, claro, era a carne que simplesmente tinha apodrecido.

Foi a gota d’água^e. Vestiu-se, foi até a loja, e comprou a geladeira nova. Que lhe foi entregue naquele mesmo dia. Era uma bela geladeira, com muitos dispositivos que ela mal conhecia. “Vou ter de fazer um curso para aprender a operar essa coisa”, disse ao homem da entrega. Ele concordou: “Sempre é bom fazer cursos”.

Instalada a geladeira, ela tratou de colocar ali os alimentos e as bebidas. Foi então que encontrou a garrafa de champanhe^e. O champanhe que tinha comprado para celebrar com os vizinhos a sua entrada na universidade. Suspirou. O que fazer com aquilo, agora? Dar de presente para o sobrinho que a ajudara com o dinheiro da inscrição?

Resolveu guardar a garrafa. Bem no fundo da geladeira. Um dia ela ainda ingressaria no curso de administração, um dia brindaria a seu futuro. Era só questão de esperar Sem medo: uma boa geladeira conserva qualquer champanhe.

(Adaptado de: SCLIAR, Moacyr. “O futuro na geladeira”. Folha de S.Paulo, 01.12.2008)

A forma verbal em negrito deve sua flexão ao termo sublinhado em:

- (A) Mas este ano **teve** de desistir.
- (B) A favor de ambas as coisas, o curso e a geladeira, **havia** argumentos.

- (C) Foi então que **encontrou a garrafa de champã-nhe**.
- (D) E aí **intervinha outra vozinha**
- (E) Foi **a gota d'água**.

11. FCC - 2023

(Gente hospitaleira)

Alguns pensadores definiram a hospitalidade como um modo privilegiado de encontro interpessoal marcado pela atitude de acolhimento em relação ao outro. As práticas de hospitalidade deverão marcar todas as situações da vida, ou seja, a hospitalidade não deverá ficar circunscrita à disponibilidade para receber o turista, o visitante que chega de fora e está de passagem pela cidade; é necessário que esta atitude de acolhimento e cortesia se estenda ao próximo em geral, seja o vizinho, o colega de trabalho ou mesmo um desconhecido.

Outros acentuam que a hospitalidade não pode estar condicionada pelas condições da realidade. A hospitalidade seria antes de mais nada uma disposição da alma aberta e irrestrita. Ela, como o amor incondicional, em princípio, não rejeita nem discrimina a ninguém. É simultaneamente uma utopia e uma prática. Como utopia representa um dos anseios mais caros da história humana: de ser sempre acolhido independente da condição social e moral e de ser tratado humanamente. Como prática cria as políticas que viabilizam e ordenam a acolhida. Mas, por ser concreta, sofre os desafios, os constrangimentos e as imitações das situações dadas.

A hospitalidade é, para outros ainda, uma maneira de se viver em conjunto regida de modo bem definido por certas regras, ritos e leis. Nesse sentido, a hospitalidade é concebida não apenas como uma forma essencial de interação social, mas também como uma rigorosa forma de humanização, uma das formas administráveis de uma socialização verdadeira.

(Disponível em: <https://lbhe.com.br/o-que-e-hospitalidade>. Adaptado

As flexões verbais são regulares e há ocorrência de voz passiva na frase

- (A) Eles não se proporam a hospedar os viajantes por os considerarem inconfiáveis.
- (B) Sendo desconsiderados os ritos da hospitalidade, há o risco de se perder seu significado.
- (C) Se não intervirem os bons sentimentos, a hospitalidade perde seu sentido mais humano.
- (D) Não é por haver-se submisso às regras e aos ritos que alguém deixaria de ser hospitaleiro.
- (E) A utopia e a prática não se contradizem por ele haver seguido regras de hospedagem.

12. FCC - 2021

Vende a casa

O homem falou:

– Comprei esta casa; vendi-a. No intervalo, passaram-se 21 anos. Aconteceram diferentes coisas nesse intervalo. O ditador caiu, subiu de novo, matou-se. A bomba atômica explodiu, inventou-se outra bomba ainda mais terrível. Veio a paz, ou uma angústia com esse nome. Apareceram antibióticos, aviões a jato, computadores eletrônicos. O homem deu a volta ao universo e viu que a terra era azul. Fabricaram-se automóveis no Brasil. Pela rua passam biquínis aos três, aos quatro, e a geração nova usa rosto novo e nova linguagem. Mas a casa não mudou.

Veja esta pérgula. Está cercada de edifícios agressivos, não tem mais razão de ser, mas é uma pérgula. Quem a mandou fazer deu recepções neste terraço, de onde se descortinavam os morros da Gávea e o mar. Hoje não se vê nada em redor, mas a pérgula é a mesma. O construtor morreu, como o dono primitivo; a pérgula está viva, com sua buganvília.

Esta escada, eu a subia com pernas de gato, nem reparava. Hoje subo contando os degraus que faltam, e, podendo evitar, evito a subida, fico lá embaixo. Ela deve estar-se rindo de mim, que me cansei depressa.

A sala, o pequeno escritório, está vendo? Tudo resistiu mais do que o morador. Não queria acabar, e decerto, chegando a hora, me enterraria. Não usa mais sair defunto de casa, mas bem que a casa gostaria se, depois de me abrigar tanto tempo, pudesse me expor na sala, prestando mais um serviço. Porque não tem feito outra coisa senão prestar serviço. Às vezes com ironia ou aparentemente de mau humor: porta empenada, soalho abatido, defeitos na instalação elétrica antiquada. Porém seu mau humor nunca foi maior do que o meu, que usei e abusei de seus serviços com impaciência e tantas vezes a desprezei, chamando-a feia e desajeitada.

Tem goteiras; sempre teve, é um de seus orgulhos, ao que parece. Certa madrugada acordamos com a cachoeira no quarto. Tinham-se rompido umas telhas, e o mundo parecia vir abaixo, derretido em chuva. Pois não havia nada de mais sólido na terra do que esta velha casa remendada e maltratada. A prova aí está. Você nos compare, e diga.

Ratos? Sim, é próprio do lugar. Baratas, nem me fale. Passamos 21 anos lutando contra bichos pequenos, mas era combate leal, em igualdade de condições. Eles moravam no porão; nós, na parte de cima. A luta nunca se decidiu, e a casa nos dava chances idênticas. Era seu ingênuo divertimento.

Creio que fui feliz aqui. Trouxemos uma menina, que se levantava cedinho para ir ao colégio; ouço ainda o despertador, vozes matutinas, sinto o cheiro de café coado na hora. Seu quarto é o mesmo, a mesma mobília de sucupira que naquele tempo se usava. O retrato dela, feito por um pintor que já morreu, está ali. Hoje é uma senhora que mora longe, e uma vez por ano chega com um senhor e três garotos do capeta. É quando a casa fica matinal, ruidosa, fica plenamente casa, ba-gunça, festa cheia de gritos. Esses rabiscos na parede, cadeiras remendadas, vidros partidos, está reparando? São das melhores alegrias da casa.

Agora temos de fechar e sair; vendi a casa. Será demolida, como todas as casas que restam serão demolidas. Era a única que sobrava nesta quadra; fora do alinhamento, sua massa barriguda tinha alguma coisa de insolente, de provocativo. Não podia continuar.

Isto é, podia. Eu é que entreguei os pontos. Agora veja o que está se passando. Mal assinei a escritura e voltei, começo a sentir-me estranho na casa. Rompeu-se um laço, mais do que isso, uma fibra. Eu não sabia ao certo o que é uma casa. Agora sei, e estou meio envergonhado.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. *Cadeira de balanço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020)

Verifica-se o emprego de voz passiva no seguinte trecho do segundo parágrafo:

- (A) No intervalo, passaram-se 21 anos.
- (B) Aconteceram diferentes coisas nesse intervalo.
- (C) Veio a paz, ou uma angústia com esse nome.
- (D) Apareceram antibióticos, aviões a jato, computadores eletrônicos.
- (E) Fabricaram-se automóveis no Brasil.

13. FCC - 2022

Atenção: Para responder à questão, leia o texto abaixo.

Os que se empenham em examinar as ações humanas jamais ficam tão atrapalhados como para juntá-las e apresentá-las sob a mesma luz, pois comumente elas se contradizem de modo tão estranho que parece impossível que venham da mesma matriz. O jovem Mário ora parece filho de Marte, ora filho de Vênus. Dizem que o papa Bonifácio VIII assumiu seu cargo como uma raposa, portou-se como um leão e morreu como um cão. E quem diria que foi Nero, essa verdadeira imagem da crueldade quem respondeu, quando lhe apresentaram para assinar, seguindo a praxe, a sentença de um criminoso condenado: “Prouvera a Deus que eu jamais tivesse aprendido a escrever”, de tal forma lhe aperta-

va o coração condenar à morte um homem? Tudo está tão cheio de exemplos assim, e até mesmo qualquer um de nós pode encontra tantos outros por si mesmo, que estranho ver gente de bom senso ter às vezes trabalho para juntar essas peças, visto que a irresolução me parece o vício mais comum e aparente de nossa natureza.

(MONTAIGNE, Michel de. *Os ensaios: uma seleção*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010)

quando lhe apresentaram para assinar de tal forma lhe apertava o coração

Os pronomes sublinhados acima referem-se, respectivamente, a

- (A) “Nero” e “Deus”.
- (B) “a sentença de um criminoso condenado” e “Nero”.
- (C) “Nero” e “o coração”.
- (D) “a sentença de um criminoso condenado” e “o coração”.
- (E) “Nero” e “Nero”.

14. FCC - 2022

Para responder à questão, baseie-se no texto abaixo.

Brincadeiras de criança

Entre as crianças daquele tempo, na hora de formar grupos pra brincar, alguém separava as sílabas enquanto ia rodando e apontando cada um com o dedo: “Lá em ci-ma do pi-a-no tem um co-po de ve-ne-no, quem be-beu mor-reu, o cul-pa-do não fui eu”. Piano? Qual? Veneno? Por quê? Morreu? Quem? Tratava-se de uma “parlenda” como aprendi bem mais tarde, mas podem chamar de surrealismo, enigma, senha mágica, charada...*

*Mesmo as nossas cartilhas de alfabetização tinham seus mistérios: uma das lições iniciais era a frase “A macaca é má”, com a ilustração de uma macaquinha espantada e a exploração repetida das sílabas “ma” e “ca”. Ponto. Nenhuma história? Por que era má a macaquinha? Depois aprendi que “má macaca” é um pareque-ma**. A gente va ficando sabido e ignorando o essencial. O que, afinal, teria aprontado a má macaquinha da cartilha?*

A grande poeta Orides Fontela usou como epígrafe de um de seus livros de alta poesia (Helianto, 1973) esta popular quadrinha de cantiga de roda:

*“Menina, minha menina,
Faz favor de entrar na roda
Cante um verso bem bonito
Diga adeus e vá-se embora”*

Ou seja: brincando, brincando, eis a nossa vida resumida, em meio aos densos poemas de Orides, a nossa vida, em que cada um de nós se apresenta aos outros, busca dizer com capricho a que veio no tempinho que teve e...adeus. Podem soar fundo as palavras mais inocentes: “ir-se embora”, depois da viva roda... E ir-se embora sem saber mais nada daquele copo de veneno em cima do piano ou da macaquinha da cartilha, eternamente condenada a ser má. Ir-se embora já ouvindo bem ao longe as vozes das crianças cantando na roda.

* **parlenda:** palavreado utilizado em brincadeiras infantis ou jogos de memorização.

** **parequema:** repetição de sons ou da sílaba final de uma palavra, no início da palavra seguinte.

(Adaptado de: MACEDÔNIO, Faustino. *Casos de almanaque*, a publicar)

Uma frase do texto ganha nova redação, sem prejuízo para seu sentido e correção gramatical, no seguinte caso:

(A) *alguém separava as sílabas enquanto ia rodando = As sílabas separavam-se a despeito de quem rodasse.*

(B) *Tratava-se de uma “parlenda”, como aprendi bem mais tarde = Dizia-se ser uma parlenda que eu aprenderia muito depois.*

(C) *Mesmo as nossas cartilhas de alfabetização tinham seus mistérios = Até mesmo mistérios poderiam haver em nossas cartilhas de alfabetização.*

(D) *eis a nossa vida resumida, em meio aos densos poemas de Orides = eis nossa concisa existência por meio da profunda poesia de Orides.*

(E) *busca dizer com capricho a que veio no tempinho que teve = tenta expressar com apuro o que veio fazer no pequeno prazo que lhe foi concedido.*

15. FCC - 2022

“Acontece em toda parte, mas no Rio tem um jeito especial de acontecer que me emociona mais.” Assim começa Rubem Braga uma de suas admiráveis crônicas reunidas no Um pé de milho e o Um pé de milho é para mim a melhor coisa desta semana de que me compete dar contas ao leitor. **Portanto, e sem vacilação, lede o Um pé de milho;**^(e) e lede-o à boa e santa maneira, não solicitando ao autor um exemplar, que o famoso Braga é, como qualquer um de nós, um proletário das letras.

Mas por que disse “cronista”? **Grande poeta é o que ele é, e grande contista**^(c) que, por uma imposição do temperamento, **se furta à maçada de escrever contos.**

^(b) Não sei de muitos poemas, em nossa lira de hoje, que se comparem a “Passeio à infância”, “Da praia”, “Choro”,

coisas que o Braga displicente foi largando pelos jornais. Po sua vez, “Aula de inglês” e “Eu e Bebu na hora neutra da madrugada” **são contos com preguiça de se tornarem contos.**^(d) Já em “História do caminhão”, a identificação do gênero será mais complexa, **pois a composição é atravessada por uma corrente de surrealismo**^(a) que conduz o Braga pelos rumos mais extraordinários, sem que este aparentemente a controle. Controla, apesar de tudo. Em suma, cronista, contista, poeta, está-se vendo que o que ele é verdadeiramente é um dos nossos mais altos escritores. Um Machado de Assis tendo a mais a poesia, a dolência e a pura comoção humana que são dons peculiares ao Braga.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. *In: Amor nenhum dispensa uma gota de ácido*

Hélio de Seixas Guimarães (org.). São Paulo: Três Estrelas, 2019

O autor do texto dirige-se explicitamente a seu leitor no seguinte trecho:

(A) *pois a composição é atravessada por uma corrente de surrealismo.*

(B) *se furta à maçada de escrever contos.*

(C) *Grande poeta é o que ele é, e grande contista.*

(D) *são contos com preguiça de se tornarem contos.*

(E) *Portanto, e sem vacilação, lede o Um pé de milho.*

16. FCC - 2021

O elogio do vira-lata e outros ensaios, de Eduardo Giannetti.

A ciência destrói o seu passado. Os clássicos da literatura científica, como os tratados hipocráticos, o Le Monde de Descartes ou a Philosophia Botanica de Lineu, foram obras que marcaram época, mas que a passagem do tempo reduziu à condição de peças de antiquário e objeto de interesse restrito a especialistas em história da ciência. Nenhum cientista que se preze aprende o seu ofício destrinchando os clássicos de sua disciplina.

Com a filosofia é diferente. Os clássicos da literatura filosófica, como os diálogos platônicos, as Meditações de Descartes ou o Leviatã de Hobbes, são obras que parecem dotadas do dom da eterna juventude. Embora também se prestem à lupa antiquária do historiador de ideias, elas conseguem de algum modo driblar o tempo e falar diretamente aos espíritos vivos das novas gerações. A filosofia, como a arte, não enterra o seu passado.

A diferença, é certo, resulta em parte da ausência de um critério bem definido de progresso na história da filosofia. Mas não é só. A consciência da nossa ignorância cresce de mãos dadas com o avanço do saber científico. Como observa com certa malícia Adam Smith na Teoria dos Sentimentos Morais, ao comentar a dificuldade de

refutar conclusivamente teorias no campo da ética, a progressividade das ciências naturais também reflete a sua maior vulnerabilidade e propensão ao erro.

(GIANNETTI, Eduardo. *O elogio do vira-lata e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018)

Nenhum cientista que se preze aprende o seu ofício destrinchando os clássicos de sua disciplina. (1o parágrafo) O termo a que o pronome relativo da frase acima se refere é:

- (A) obras.
- (B) época.
- (C) especialistas.
- (D) ciência.
- (E) cientista.

17. FCC - 2021

O leão enamorado

Um leão enamorou-se da filha de um lavrador e foi pedi-la em casamento. E o lavrador, que não suportava a ideia de entregar a filha a uma fera e, por medo, também não conseguia dizer não, fez o seguinte. Visto que o leão insistia em pressioná-lo, ele disse que o reputava um noivo digno de sua filha, mas que não podia conceder-lhe sua mão, a menos que ele extraísse as presas e aparas-se as garras, que amedrontavam a mocinha. O leão, por amor, sujeitou-se com facilidade a todas as exigências e o lavrador, já sem nenhum receio dele, escorraçou-o a porretadas quando ele veio à sua casa.

(Esopo. *Fábulas completas*. São Paulo: Cosac Naify, 2013)

Retoma uma expressão mencionada anteriormente no texto o termo sublinhado no seguinte trecho:

- (A) não suportava a ideia de entregar a filha a uma fera.
- (B) Visto que o leão insistia em pressioná-lo.
- (C) ele disse que o reputava um noivo digno de sua filha.
- (D) a menos que ele extraísse as presas e aparasse as garras.
- (E) O leão, por amor, sujeitou-se com facilidade a todas as exigências.

18. FCC - 2023

Leia o conto “Casos de baleias”, de Carlos Drummond de Andrade.

A baleia telegrafou ao superintendente da Pesca, queixando-se de que estava sendo caçada demais, e a continuar assim sua espécie desapareceria com prejuízo geral do meio ambiente e dos usuários.

O superintendente, em ofício, respondeu à baleia que não podia fazer nada senão recomendar que de duas baleias uma fosse poupada, e esta ganhasse número de registro para identificar-se.

Em face dessa resolução, todas as baleias providenciaram registro, e o obtiveram pela maneira como se obtêm essas coisas, à margem dos regulamentos. O mar ficou coalhado de números, que rabeavam alegremente, e o esguicho dos cetáceos, formando verdadeiros festivos no alto oceano, dava ideia de imenso jardim explodindo em repuxos, dourados de sol, ou prateados de lua.

Um inspetor da Superintendência, intrigado com o fato de que ninguém mais conseguia caçar baleia, pôs-se a examinar os livros e verificou que havia infinidade de números repetidos. Cancelou-se o registro, e os funcionários responsáveis pela fraude, jogados ao mar, foram devorados pelas baleias, que passaram a ser caçadas indiscriminadamente. A recomendação internacional para suspender a caça por tempo indeterminado só alcançará duas baleias vivas, escondidas e fantasiadas de rochedo, no litoral do Espírito Santo.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. *Contos plausíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012)

O superintendente, em ofício, respondeu à baleia que não podia fazer nada (2º parágrafo)

Ao se transpor o trecho acima para o discurso direto, o verbo sublinhado assume a seguinte forma:

- (A) poderia
- (B) pude
- (C) posso
- (D) pudesse
- (E) possa

19. FCC - 2023

Para responder a questão, baseie-se no texto abaixo.

Novo movimento

As revoluções dos últimos dois séculos foram tão rápidas e radicais que transformaram a característica mais fundamental da ordem social. Tradicionalmente, a ordem social era firme e rígida. “Ordem” implicava estabilidade e continuidade. Revoluções sociais rápidas eram excepcionais, e a maioria das transformações sociais resultava da acumulação de uma série de pequenos passos. Os humanos tendiam a presumir que a estrutura social era inflexível e eterna. As pessoas costumavam declarar: “é assim que sempre foi, e é assim que sempre será”.

Nos últimos dois séculos, o ritmo das mudanças se tornou tão rápido que a ordem social adquiriu um caráter dinâmico e maleável. Agora existe em estado de fluxo permanente. Quando falamos de revoluções modernas, tendemos a pensar em 1789 (a Revolução Francesa), 1848 (as revoluções liberais) ou 1917 (a Revolução Russa). Mas o fato é que, atualmente, todo ano é revolucionário. Hoje, até mesmo uma pessoa de 30 anos pode dizer honestamente a adolescentes incrédulos: “Quando eu era jovem, o mundo era completamente diferente”. A internet, por exemplo, só se disseminou no início dos anos 1990, poucas décadas atrás, hoje, não podemos imaginar o mundo sem ela.

(Adaptado de: HARARI, Yuval Noah, *Uma breve história da humanidade*. Trad. de Janaina Marcoantonio. Porto Alegre: L&PM, 2018, p. 375-376)

Ela disse ao seu amigo, tempos atrás: - Você pode não acreditar, mas quando eu era jovem, meu mundo era inteiramente diferente do em que ambos vivemos hoje.

Transpondo-se o comentário acima, atrelado ao assunto do texto, para o **discurso indireto**, uma construção adequada será:

Ela disse ao seu amigo, tempos atrás, que

(A) podia até mesmo não acreditar, pois quando ela era jovem o mundo deles era inteiramente diferente do que passaram a viver.

(B) podia-se não acreditar, tendo em vista que na sua juventude era inteiramente diferente do que vivemos hoje.

(C) mesmo que ele não acreditasse, quando era jovem, vivia-se num mundo inteiramente do que se vive hoje.

(D) ele podia não acreditar que quando jovem, o mundo dele era inteiramente diferente do que ambos viveriam hoje.

(E) ele podia não acreditar, mas o mundo dela, quando jovem, era inteiramente diferente daquele em que ambos estavam vivendo.

20. FCC - 2022

Atenção: Para responder à questão, baseie-se nas quatro estrofes abaixo, extraídas do poema “**Graciliano Ramos:**”, de João Cabral de Melo Neto. O poema é um tributo ao autor de **Vidas secas**, com cuja linguagem João Cabral se mostra bastante identificado.

Graciliano Ramos:

Falo somente com o que falo:
com as mesmas vinte palavras
girando ao redor do sol
que as limpa do que não é faca
[...]

Falo somente do que falo:
do seco e de suas paisagens,
Nordestes, debaixo de um sol
ali do mais quente vinagre
[...]

Falo somente por quem falo:
por quem existe nesses climas
condicionados pelo sol,
pelo gavião e outras rapinas
[...]

Falo somente para quem falo:
quem padece sono de morto
e precisa um despertador
acre, como o sol sobre o olho

Considerando-se o consagrado quadro linguístico das funções da linguagem, verifica-se que, nesse poema, a função

(A) **poética** ocorre por conta da regionalização e do caráter oral desse discurso.

(B) **referencial** apura-se pela invocação do destinatário, que precisa ser despertado.

(C) **conativa** representa-se no emprego abusivo de metáforas e metonímias.

(D) **metalinguística** é reconhecida na tematização explícita da fala em curso.

(E) **emotiva** transparece na dissolução do ritmo e na irregularidade da versificação.

21. FCC - 2024

Para responder a questão, baseie-se no texto abaixo.

[Laços de sangue na literatura]

Laços de sangue não garantem parentesco espiritual, é sabido; irmãos podem ser e frequentemente são tão diferentes entre si quanto são de completos estranhos, ainda que a ascendência comum e a convivência na infância e juventude determinem relações de grande afeto.

Por outro lado, é fascinante que se possa conhecer na literatura criaturas tão parecidas com a gente mesma. Minha primeira experiência desse tipo deu-se quando conheci Paulo Honório, o coronel assassino, protagonista e narrador do romance São Bernardo, de Graciliano Ramos. Identifiquei-me de pronto com essa

criatura e desenvolvi por ela o que por mim mesma era uma mistura de repulsa e forte autocomiseração. Mais tarde, quando li Infância e Memórias do Cárcere, textos autobiográficos do mesmo autor, concluí que eu e Paulo Honório tínhamos um terceiro irmão bastante afinado: o criador mesmo, Graciliano.

Mas das minhas experiências de conhecer irmãos pela literatura, nada se comparou até agora à que tive quando li, muito recentemente, As pequenas virtudes da escritora italiana Natália Ginzburg (1916-1991). Deu-me vontade de sair mostrando às pessoas na rua: “olha só, podia ser minha avó, viveu e morreu do outro lado do mundo, mas é minha irmã, verdadeiramente minha irmã, e de algum ponto do universo segue falando comigo”.

(Adaptado de: LOPES, Ayde Veiga. Disponível em: <https://ninhodealveloas.blogspot.com/lsearch/label/cidadela>)

Ao se referir a Paulo Honório, no 2º parágrafo, a autora afirma que mantém com esse protagonista e narrador de São Bernardo uma relação de

- (A) observação crítica, uma vez que entende que um personagem de ficção se produz segundo caprichos aleatórios de um escritor.
- (B) piedosa compreensão, pelo fato de Paulo Honório sofrer na pele as desventuras de um espírito marcado pela malignidade.
- (C) identificação muito marcante, pois ela reconhece dentro de si mesma sentimentos contraditórios e análogos aos do protagonista.
- (D) distanciamento sofrido, uma vez que sua simpatia pelo personagem sofre a censura do juízo morais que ela cultiva.
- (E) difícil empatia, justamente por conta das dissimilaridades de caráter que ela reconhece haver entre ela e Paulo Honório.

22. FCC - 2024

Para responder a questão, baseie-se no texto abaixo.

[Vida a compartilhar]

Um jovem amigo meu é uma pessoa exasperada e deprimida. Na semana passada, ele foi atraído por uma história edificante. Lima escola americana dedicara um anfiteatro a uma professora de escola fundamental que, depois de uma longa carreira de ensino, foi paralisada por uma distrofia muscular, e seguiu ensinando. Quando perdeu a voz, passou a ensinar surdos-mudos. Na reportagem, ela estranhava a atenção é os elogios: era

uma mulher em paz consigo mesma e com o mundo, sem furores caritativos ou vocações martirológicas. Sua vida parecia simplesmente normal.

Meu jovem amigo comentou que, se estivesse no lugar dela, já teria acabado com sua própria vida. Essa ideia, concordei, passaria por qualquer cabeça. Mas por que a professora não foi por esse caminho? O insuportável numa doença como essa, afirmou então meu interlocutor, são os limites, as impotências.

Observei-lhe então que há uma infinidade de coisas que não conseguimos fazer. Afinal, não sei voar, nem ficar por respirar mais que dois minutos. Com paciência condescendente, meu amigo explicou que essas são coisas que ninguém, ou quase ninguém, consegue fazer. O que dói, acrescentou, é não conseguir fazer as coisas que os outros conseguem. E declarou que, se tivesse uma invalidez grave, talvez pudesse seguir vivendo, mas só entre pessoas tão inválidas quanto ele. Conclusão da conversa: o problema não é a invalidez, o problema são os outros. Melhor dizendo, a necessidade de se comparar aos outros.

De todo modo, ficamos sem apurar que tipo de energia animava aquela prejudicada professora, excepcionalmente apta e disposta a só compartilhar o que tinha de positivo.

(Adaptado de: CALLIGARIS, Contardo. Terra de ninguém. São Paulo: Publifolha, 2004, p. 70-71)

A história edificante, referida no primeiro parágrafo, provocou no jovem amigo do autor uma

- (A) avaliação pessoal, na qual reconheceu sua incapacidade para superar um limite seu por conta de decisões altruístas.
- (B) exasperação depressiva, por conta do mau exemplo que ele viu na conduta moral da professora.
- (C) reação positiva, de vez que reconheceu na atitude da professora um exemplo superior de resiliência.
- (D) resposta compassiva, quando se sentiu um ardoroso admirador de quem se dispõe a sofrer pelos outros.
- (E) censura discreta, ao considerar que a escolha da professora podia ser interpretada como um martírio caridoso.

23. FCC - 2024

Para responder a questão, baseie-se no texto abaixo.

[Vida a compartilhar]

Um jovem amigo meu é uma pessoa exasperada e deprimida. Na semana passada, ele foi atraído por uma história edificante. Lima escola americana dedicara um anfiteatro a uma professora de escola fundamental que, depois de uma longa carreira de ensino, foi paralisada por uma distrofia muscular, e seguiu ensinando. Quando perdeu a voz, passou a ensinar surdos-mudos. Na reportagem, ela estranhava a atenção é os elogios: era uma mulher em paz consigo mesma e com o mundo, sem furores caritativos ou vocações martirológicas. Sua vida parecia simplesmente normal.

Meu jovem amigo comentou que, se estivesse no lugar dela, já teria acabado com sua própria vida. Essa ideia, concordei, passaria por qualquer cabeça. Mas por que a professora não foi por esse caminho? O insuportável numa doença como essa, afirmou então meu interlocutor, são os limites, as impotências.

Observei-lhe então que há uma infinidade de coisas que não conseguimos fazer. Afinal, não sei voar, nem ficar por respirar mais que dois minutos. Com paciência condescendente, meu amigo explicou que essas são coisas que ninguém, ou quase ninguém, consegue fazer. O que dói, acrescentou, é não conseguir fazer as coisas que os outros conseguem. E declarou que, se tivesse uma invalidez grave, talvez pudesse seguir vivendo, mas só entre pessoas tão inválidas quanto ele. Conclusão da conversa: o problema não é a invalidez, o problema são os outros. Melhor dizendo, a necessidade de se comparar aos outros.

De todo modo, ficamos sem apurar que tipo de energia animava aquela prejudicada professora, excepcionalmente apta e disposta a só compartilhar o que tinha de positivo.

(Adaptado de: CALLIGARIS, Contardo. Terra de ninguém. São Paulo: Publifolha, 2004, p. 70-71)

No 3º parágrafo, ao considerar que todos nós temos limites, o autor se deparou com a seguinte posição defendida pelo jovem amigo:

- (A) os males que acometem as outras pessoas pas-sam a ser nossos, quando não os avaliamos com lucidez crítica.
- (B) todo sofrimento compartilhado tende a ir diminuindo na medida em que as pessoas se deem conta de sua inevitabilidade.

(C) as pessoas potenciam nossos males, quando não buscam entender a injustiça que se entranha na condenação que nos aflige.

(D) a ninguém deve animar a esperança de que sua invalidez se apequene diante da invalidez de muitos outros.

(E) os males que nos afligem podem tornar-se suportáveis quando na mesma medida afligirem os nossos semelhantes.

24. FCC - 2023

Para responder a questão, leia a crônica **O importu-no**, de Carlos Drummond de Andrade, publicada originalmente em 13/07/1966.

– Que negócio é esse? Ninguém me atende?

A muito custo, atenderam; isto é, confessaram que não podiam atender, por causa do jogo com a Bulgária.

– Mas que tenho eu com o jogo com a Bulgária, façam-me o favor? E os senhores por acaso foram escalados para jogar? O chefe da seção aproximou-se, apaziguador:

– Desculpe, cavalheiro. Queira voltar na quinta-feira, 14. Quinta-feira não haverá jogo, estaremos mais tranquilos.

– Mas prometeram que meu papel ficaria pronto hoje sem falta.

– Foi um lapso do funcionário que lhe prometeu tal coisa. Ele não se lembrou da Bulgária. O Brasil lutando com a Bulgária, o senhor quer que o nosso pessoal tenha cabeça fria para informar papéis?

– Perdão, o jogo vai ser logo mais, às quinze horas. É meio-dia, e já estão torcendo?

– Ah, meu caro senhor, não critique nossos bravos companheiros, que fizeram o sacrifício de vir à repartição trabalhar quando podiam ficar em casa ou na rua participando da emoção do povo...

– Se vieram trabalhar, por que não trabalham?

– Porque não podem, ouviu? Porque não podem. O senhor está ficando impertinente. Aliás, disse logo de saída que não tinha nada com o jogo com a Bulgária! O Brasi em guerra – porque é uma verdadeira guerra, como revelam os jornais – nos campos da Europa, e o senhor, indiferente, alienado, perguntando por um vago papel, uma coisinha individual, insignificante, em face dos interesses da pátria!

– Muito bem! Muito bem! – funcionários batiam palmas.

– Mas, perdão, eu... eu...